

doi <https://doi.org/10.5335/srph.v24i2.17781>

As exposições do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) no quadro das políticas educacionais do Estado Novo varguista (1937-1945)

Exposiciones del Servicio do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) en el marco de las políticas educativas del Estado Novo varguista (1937-1945)

Exhibitions by the Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) within the framework of the educational policies of the Estado Novo varguista (1937-1945)

NATASHA VIANA MOSLEY¹  

Resumo:

Este artigo analisa as exposições realizadas pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) durante o Estado Novo varguista (1937-1945). A historiografia acerca do período tem se debruçado longamente sobre a atuação do órgão de patrimônio. Contudo, o enfoque sobre as mostras expográficas por ele organizadas nos anos em questão ainda é tímido, revelando uma carência de estudos mais aprofundados sobre o tema. Diante desta lacuna, o texto em questão destrincha a organização e as finalidades destas iniciativas. Sustenta-se que as exposições do Sphan integravam uma ampla política de promoção do patrimônio histórico, assumindo um caráter pedagógico no projeto de construção de uma nacionalidade do regime estadonovista.

Palavras-chave: Exposições. Estado Novo. Patrimônio histórico brasileiro.

Resumen:

Este artículo analiza las exposiciones organizadas por el Servicio do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) durante el Estado Novo varguista (1937-1945). La historiografía sobre el período ha abordado de manera extensa la actuación de dicho organismo de patrimonio. Sin embargo, el enfoque en las muestras expográficas organizadas por el Sphan en esos años sigue siendo incipiente, lo que evidencia una carencia de estudios más profundos sobre el tema. Ante esta laguna, el presente texto - derivado de mi investigación de maestría - examina la organización y los objetivos de estas iniciativas. Se sostiene que las exposiciones del Sphan formaban parte de una política más amplia de promoción del patrimonio histórico, asumiendo un carácter pedagógico en el proyecto de construcción de una nacionalidad impulsado por el régimen del Estado Novo.

Palabras-clave: Exposiciones. Estado Novo. Patrimonio histórico brasileño.

Abstract:

This article examines the exhibitions organized by the Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) during the Estado Novo regime in Brazil (1937-1945). Studies about this period in Brazil's history have extensively addressed the heritage institution and its work. However, researches about the exhibitions curated by Sphan during these years remain limited. In light of this gap, the present text - based on my master's research -

¹ Mestranda em História na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Bolsista CAPES. Graduada (2023) em História pela UNIRIO.

aims to analyze these initiatives: how they were organized, the intentions behind them, etc. It states that Sphan's exhibitions were part of a broader policy to promote Brazil's historical heritage, assuming a pedagogical role within the regime's project of constructing a Brazilian nationality.

Keywords: Brazilian historical Heritage. Exhibitions. Estado Novo.

Considerações iniciais

O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) foi uma das instituições criadas pelo regime do Estado Novo varguista no contexto da institucionalização da cultura no Brasil. Tal processo foi marcado pela criação de agências e políticas que visavam a formação de uma nacionalidade brasileira, de modo a amplificar a presença do Estado no território nacional e produzir um consenso sobre um tipo de ordem.ⁱ De acordo com Márcia Chuva (2009), o Sphan desenvolveu um conjunto de práticas destinadas, em suma, à invenção de um passado nacional, através da seleção de determinados bens e símbolos que representassem, no espaço, uma história nacional específica. A partir da influência dos ideais nacionalistas preconizados pelo movimento modernista brasileiro, o órgão concebeu um passado originário da nação brasileira: suas raízes encontravam-se em um tempo longínquo e específico - mais precisamente, o período colonial -, e os vestígios deste período seriam compreendidos com símbolos da nacionalidade em construção naquela conjuntura.

Por meio de diversas políticas, o Sphan engendrava as bases concretas de sustentação de uma ideia de nação e, ao mesmo tempo, constituía um patrimônio histórico e artístico reconhecido como autenticamente nacional, fornecendo, assim, suportes para a construção de uma memória, uma história e uma identidade nacional. Ainda segundo Chuva, as atribuições centrais da entidade nos finais da década de 1930 e nos anos 1940 inseriram-se no esforço de identificar bens móveis e imóveis espalhados pelo Brasil que representassem a ideia de nação brasileira preconizada - e que, portanto, deveriam compor o patrimônio histórico nacional (2009). Para tal, assegurou-se a preservação dos bens móveis e imóveis através do tombamento e das obras de restauração.

Além destas práticas de preservação, a autora destaca que ao Sphan também era atribuída a tarefa de difundir um conhecimento sobre o patrimônio histórico e artístico nacional. Esta incumbência do órgão apresentava um caráter nitidamente pedagógico, confirmando a definição do Sphan como uma instituição de educação extra-escolar pela lei nº 378 de 1937. Uma leitura precisa desta legislação permite identificar os órgãos estatais que se enquadravam

nesta categoria e suas finalidades dentro do aparato burocrático do Ministério da Educação e Saúde (MES). Constatou-se que algumas destas entidades, dentre as quais foi incluída o Sphan, eram destinadas a formar e, sobretudo, difundir uma nacionalidade brasileira.ⁱⁱ

Pode-se afirmar que o encargo do Sphan de promover o conhecimento sobre o patrimônio histórico e artístico nacional compunha o que Eliana Dutra denominou de uma pedagogia da nacionalidade (2009). Política empreendida pelo regime estadonovista - capitaneada pelo MES -, seu objetivo era promover a formação de uma consciência nacional a partir da difusão de valores identitários de uma nacionalidade brasileira. Para Simon Schwartzman e Helena Bomeny,

A constituição da nacionalidade deveria ser a culminação de toda a ação pedagógica do ministério [da Educação e Saúde], em seu sentido mais amplo (...) haveria que dar um conteúdo nacional à educação transmitida nas escolas e por outros instrumentos formativos (1984, p. 157).

Entende-se que o trabalho destinado às instituições de educação extraescolar do MES - como o Sphan - era o de promover essa nacionalidade, de maneira pedagógica, em diferentes espaços e através de diferentes mecanismos. Apesar da legislação supracitada não determinar, especificamente, como a incumbência de difundir um conhecimento sobre o patrimônio histórico nacional deveria ser empreendida, uma análise do índice relatório de atividades realizadas pelo Sphan datadas entre 1936 a 1940, disponível no Arquivo Central do IPHAN (ACI), permite identificar os mecanismos desenvolvidos pela entidade visando esta promoção. Eram estes: a produção de obras bibliográficas - como as *Publicações do Sphan* e as *Revistas do Sphan* -; a criação de museus; a produção de filmes e a realização de exposições.

No meio jornalístico, as iniciativas expográficas e museais do Sphan obtiveram um destaque significativo, constituindo o tema mais abordado pela imprensa da época no tocante à instituição de patrimônio - mesmo não sendo a tônica do órgão.ⁱⁱⁱ Este cenário aponta que as exposições e os museus não foram empreendimentos menosprezados pelo Sphan: havia um interesse e um esforço robusto do órgão de preservação em difundir tais instituições para o público.

Considerando a existência de uma historiografia consolidada sobre os museus criados pelo Sphan e da sua produção bibliográfica^{iv}, este artigo propõe se debruçar sobre as exposições realizadas pelo órgão de patrimônio ao longo do Estado Novo (1937-1945). Busca-se, aqui, abordar a organização e as finalidades destes empreendimentos, compreendendo-os como

estratégias notórias de promoção do patrimônio histórico e inseridas no projeto de construção de uma nacionalidade brasileira desenvolvido pelo regime estadonovista.

As Exposições do Sphan (1937-1945)

Mediante o exame do relatório supracitado, identificou-se a presença de um capítulo dedicado integralmente à temática das exposições realizadas pelo órgão entre os anos de 1938 e 1940.^v O documento afirmava que tais iniciativas tinham o objetivo de difundir o conhecimento sobre o patrimônio histórico e artístico brasileiro. Em seguida, são citadas 7 exposições que ocorreram ao longo dos anos supracitados: a exposição em homenagem ao centenário da morte de José Bonifácio, de abril de 1938; a primeira e a segunda exposição permanente do Sphan, de agosto e de novembro de 1938, respectivamente; a exposição do Estado Novo, realizada em novembro de 1938; a exposição de estampas da cidade do Rio de Janeiro, de junho de 1939; a exposição de moldagens do artista Aleijadinho, de fevereiro de 1940; e a exposição comemorativa do 4º centenário da Companhia de Jesus, com inauguração prevista para o ano de 1940.

As consultas à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional constituíram uma metodologia de extrema relevância nesta etapa da pesquisa. A partir dos resultados obtidos em minha monografia, depreendeu-se que o Sphan teve uma atuação notória no que tange à organização de exposições. As notícias jornalísticas também constituem um conjunto de fontes de grande relevância por terem sido através delas que se depreendeu a organização de outras exposições por parte do órgão patrimonial. Foi o caso da exposição em homenagem à Machado de Assis, em 1939; da exposição Frans Post, em 1942, e da exposição de quadros, objetos e gravuras referentes à Igreja da Nossa Senhora da Glória do Outeiro, também realizada em 1942. Além disso, as fontes hemerográficas ainda apresentam, em alguns casos, informações mais detalhadas sobre a realização das exposições.

Somando os levantamentos obtidos nas consultas ao ACI e à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, identificou-se que 10 exposições foram projetadas pelo órgão de patrimônio no período entre 1937 e 1945.^{vi} Considerando este quadro, cabe, aqui, tecer um exame das mostras expográficas realizadas pelo órgão de patrimônio no período em questão.

A Exposição em Homenagem ao Centenário de José Bonifácio (1938)

A primeira exposição realizada pelo Sphan foi em homenagem ao centenário da morte de José Bonifácio, no Museu Nacional (MN) no dia 06 de abril de 1938 - no dia do centenário de seu falecimento. Instituições como o Museu Histórico Nacional (MHN), a Biblioteca Nacional (BN), o Arquivo Nacional (AN), o Arquivo da Prefeitura do Distrito Federal, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), o Grande Oriente do Brasil, o próprio MN e os descendentes do estadista também atuaram na estruturação da mostra. Tais entidades atuaram na organização da exibição através do empréstimo de artefatos que foram expostos, tendo sido o IHGB o maior colaborador, conforme aponta uma notícia publicada pela *Gazeta de Notícias*.^{vii}

A concepção da mostra teria surgido no dia 05 de fevereiro de 1938, conforme aponta uma carta redigida por Rodrigo de Mello Franco de Andrade à Gustavo Capanema.^{viii} O então presidente do Sphan propunha que a efeméride fosse marcada por uma vasta agenda de comemorações, que poderia ser elaborada por ele próprio. O *Correio da Manhã* definia a exposição como a principal comemoração de uma vasta agenda de eventos em homenagem ao estadista.^{ix}

A escolha do MN como sede da exposição é justificada em uma espécie de relatório sobre a exposição - que não possui autoria -: afirmou-se que foi no Palácio da Quinta da Boa Vista onde o estadista viveu sua vida política. Mais precisamente, a exposição ocorreu na Sala do Trono, onde, segundo o mesmo documento, José Bonifácio teria expresso, frequentemente, sua defesa da independência do Brasil. O Paço foi compreendido como um espaço ideal para este empreendimento por suscitar, de maneira eficaz, a evocação almejada de Bonifácio. O relatório definia a iniciativa como uma obra de interesse nacional, promovida “para despertar no espírito do povo brasileiro o interesse pela vida dos grandes vultos nacionais”.^x

Segundo o relatório supracitado, a exposição foi estruturada em quatro partes: uma englobava os manuscritos do estadista - como diplomas; documentos referentes aos trabalhos e viagens realizadas; correspondências; discursos; atas; ensaios; títulos; diários; testamento; dentre outros; outra reunia documentos bibliográficos diversos - desde escritos de sua autoria até notícias e biografias -; uma terceira seção expunha documentos iconográficos - algumas pinturas e fotografias que compunham os acervos da Biblioteca Nacional e do Grande Oriente do Brasil -, uma máscara mortuária pertencente ao IHGB e documentos doados pela família

Andrada; e uma quarta parte apresentava uma coleção mineralógica - um conjunto pertencia ao Museu Nacional e outra amostra foi descoberta por Bonifácio e doada à instituição.^{xi}

Uma análise de notícias publicadas pela imprensa da época aponta para mais detalhes do significado da exposição. O *Jornal do Commercio* publicou uma cópia de um telegrama escrito por Capanema e enviado ao presidente Getúlio Vargas sobre a exposição: a mostra em questão, segundo o ministro, seria a primeira de um conjunto organizado pelo MES, com finalidades educativas e culturais “no desenvolvimento do elevado programma de governo de V. Ex”.^{xii} Uma notícia publicada pelo jornal *O Paíz* sintetizava o objetivo do Sphan e do MES em organizar a exposição: inserindo-a num conjunto de comemorações do centenário da morte do Bonifácio, o periódico escreve que o MES - na figura de Capanema - empreendia um grande esforço em promover o culto aos grandes nomes e realizações da história da nação “em bem da educação nacional”.^{xiii} Retomando o relatório da exposição, a exposição organizada destinava-se a “homenagear uma das maiores glórias da independência política do Brasil (...) e para despertar no espírito do povo brasileiro o interesse pela vida dos grandes vultos nacionais”.^{xiv}

A partir desse quadro, entende-se que a exposição em homenagem ao centenário da morte de José Bonifácio sinaliza para o interesse do órgão de preservação em abordar o Império nas suas políticas. A mostra engendrava e difundia uma narrativa histórica de forte caráter político, na qual José Bonifácio foi compreendido como uma figura política ilustre do período imperial e a Independência do Brasil como um episódio marcante na história da nação. Tal narrativa apresentava um forte cunho patriótico, ao consagrar José Bonifácio como um herói nacional.

O investimento na organização desta mostra aponta que ela foi compreendida como uma iniciativa de eficácia relevante para a elaboração do culto à José Bonifácio. Ao mobilizar recursos materiais e visuais, ela se apresentava como um espaço profícuo para a (re)produção de uma narrativa histórica sobre a vida do estadista. Sendo assim, ela apresentava não apenas um cunho comemorativo, mas também, pedagógico, devendo ser visitada e acessada pelo grande público de modo que este conhecesse a figura do estadista. Dessa forma, a mostra contribuía, em peso, para o projeto estadonovista de construção de uma identidade nacional brasileira, ao eleger e consagrar, como um de seus ícones heróicos a serem venerados, José Bonifácio.

Exposições “Permanentes” do Sphan (Agosto e Novembro de 1938)

O Sphan organizou duas mostras que levavam o nome de Exposição Permanente^{xv}: a primeira edição foi inaugurada no dia 16 de agosto de 1938 e a segunda no dia 16 de novembro do mesmo ano. A mostra foi realizada em um *stand* permanente do Sphan no Centro da cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente no térreo do Edifício Castello, na Avenida Graça Aranha número 149. O local constituía uma repartição do MES na então capital da República. Segundo o *Jornal do Brasil*, a exposição foi a primeira de uma série que o Sphan organizou a partir da cooperação com o MN, o MNBA e colecionadores particulares.^{xvi}

O mostruário exposto na primeira exposição era bastante diverso. Uma parte era composta por documentos originais de Aleijadinho: segundo o resumo de atividades datado de 1936 a 1940, um deles havia sido doado ao Sphan pelo Presidente da República e outros foram obtidos por meio de pesquisas empreendidas pela instituição em Ouro Preto - estes últimos se referiam às obras realizadas pelo artista na igreja de São Francisco de Assis daquela cidade. A mostra também contou com um pequeno acervo mobiliário - exposto tanto no formato físico quanto fotográfico pertencente às coleções de D. Pedro de Orleans e Bragança, da Baronesa de Bonfim, de Rodolpho Siqueira, de Guilherme Guinle, de Caio Werneck e Lafayette Freitas, e um arqueológico, com a coleção de cerâmicas de Marajó doada pelo Museu Nacional (MN).^{xvii}

Contudo, o mesmo relatório supracitado enfatiza que o principal mostruário da exposição era constituído por uma série de documentos iconográficos - composta por fotografias e aquarelas - de bens de arquitetura civil e religiosa de diversas localidades do país. Segundo o documento, o objetivo era “dar ao publico visitante uma noção geral do que constitue o patrimônio de arte e história do país, nas suas diversas regiões”. Do Distrito Federal, havia imagens da Fazenda do Viegas, da Ponte dos Jesuítas sobre o rio Guandú, do Mosteiro de São Bento e da Academia Imperial de Belas Artes; da Bahia, tinha-se fotografias do Convento de São Francisco de Assis e das ruínas do Castelo Garcia de Avila; o Rio Grande do Sul foi contemplado com imagens da Igreja Jesuíta de São Miguel; a cidade de Recife contou com imagens da Igreja de São Cosme e Damião, da capela de Nossa Senhora da Conceição e da igreja de São Miguel; o estado de São Paulo apresentou fotografias da igreja de Carapicuíba e da Matriz de Nossa Senhora da Conceição; a cidade de Angra dos Reis foi representada pela capela do Bonfim e pelos conventos do Carmo e de São Bernardino de Sena; por fim, de Niterói tinha-se imagens da Matriz de São Francisco Xavier; além de fotografias de outros estados.^{xviii}

Pode-se inferir que o mostruário da primeira exposição foi reproduzido uniformemente na segunda mostra, que também ocorreu no mesmo local da primeira. De acordo com o *Jornal do Brasil*, a ideia de realizar uma segunda exposição permanente originou-se do sucesso alcançado com a realização da primeira edição. Segundo este periódico,

o povo soube compreender o intuito com que o Ministério da Educação e Saúde delineou o plano dessas exposições e o **interesse daquela repartição em preparar mostruários**, cujo valor artístico muito tem agradado aos apreciadores das coisas históricas.^{xix}

Em sua tese, Fonseca (2020) examina a mostra em questão, compreendendo-a como um empreendimento voltado para a consagração de uma narrativa visual acerca do patrimônio histórico e artístico nacional. Sendo assim, depreende-se que as duas exposições objetivavam conceber, veicular e consagrar uma representação do patrimônio histórico e artístico nacional através de um conjunto de elementos visuais e materiais identificados e reconhecidos como símbolos de uma nacionalidade brasileira. Tal panorama, portanto, permite constatar que as exposições “permanentes” do Sphan cumpriam com o propósito de divulgar um conhecimento acerca do patrimônio histórico brasileiro em constituição - tal como previa a legislação.

A exposição de gravuras do Rio de Janeiro (1939)

No dia 19 de junho de 1939, o Sphan inaugurou, também no térreo do Edifício Castello, uma exposição de gravuras e estampas que retratavam a cidade do Rio de Janeiro ao longo do século XIX. De acordo com o catálogo da mostra, seu acervo era composto por 90 obras doadas pela BN e pela Livraria Kosmos^{xx} - sendo 71 destas pertencentes à BN e 19 à livraria. O mesmo documento contém a descrição, a origem e a autoria das obras expostas, além da reprodução de algumas destas. Ainda afirma, em sua terceira página, que “nos propósitos da presente exposição, como no das anteriores, organizadas pelo SPHAN, não entra nenhuma intenção erudita: sua finalidade é apenas de divulgação popular”.^{xxi} Nesse mesmo trecho do catálogo, foi apresentada a ideia por trás da exposição. Afirmava-se que ela fazia parte da atribuição do Sphan de propagar o conhecimento sobre o patrimônio histórico e artístico nacional. Mais especificamente, declarava-se que o objetivo era expor uma seleção de imagens do Rio antigo, elaboradas por artistas nacionais e estrangeiros, de modo a familiarizar a população carioca com as transformações ocorridas na fisionomia da cidade ao longo dos

anos, num esforço de lembrá-la como a então capital era antes das reformas que tiveram curso nos anos anteriores. Sinalizava-se, ainda, que a exposição não foi estruturada a partir de critérios técnicos, e que não buscava seguir uma cronologia específica.

Considerando estas informações, aliada ao traço permanente dado a um conjunto e exposições organizadas pelo Sphan, infere-se que a realização de exposições por parte da entidade de preservação consistia em uma tarefa de forte caráter educativo - quadro este que corrobora para a definição do órgão de patrimônio como uma instituição de educação extraescolar.

Sobre o acervo da exposição, o sumário do catálogo aponta que as obras expostas eram de origem diversa: brasileira, alemã, francesa, inglesa, americana, italiana e suíça. Os artistas presentes na mostra foram: Alf. Martinet, A. L. Guimaraens, Adolphe Jean Baptiste Bayot, Charles Ribeyrolles, Deroy, Eduardo Heill, F. Briggs, Felix Emilio Taunay, Frédéric Salathé, H. J. Aranha, Hippolite Taunay, J. G. da Costa, J. Icake, Jean Baptiste Arnaut, Jean Baptiste Debret, Johann Moritz Rugendas, Maurice Rugendas, P. Aubrun, P. Bertichem, P. S. F. Souto, Sabatier, Schutz, Sigismon Himely, T. Chamberlain, Thomas Ender, Victor Adam, Victor Frond, W. Leillot, além de alguns artistas intitulados como “Anônimos”.

Uma análise do catálogo permite verificar as cenas representadas nas gravuras expostas. Constatou-se que 47 imagens retratavam cenários paisagísticos da então capital do país - como a Baía de Guanabara; os morros de Santa Teresa, do Castelo, do Corcovado, a Ilha das Cobras, etc. - e de fora da cidade, como uma floresta em Nova Friburgo.

Também havia pinturas de localidades específicas da cidade, cujo exame foi subdividido em algumas categorias. Apurou-se que as construções de cunho religioso foram as mais retratadas, com 7 imagens destas no total: estas incluíam igrejas como a Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, a Candelária, a Igreja de São Francisco de Paula, a Igreja de São Sebastião, dentre outras; conventos, como o Convento de Santo Antônio e o Convento da Ajuda; e o Colégio Episcopal de São Pedro de Alcântara. Aquedutos e chafarizes localizados em diversas áreas da cidade também estiveram presentes nas imagens expostas, compondo 5 obras na mostra.

A mostra também contou com quadros que retratavam indivíduos específicos e (re)conhecidos ligados à monarquia, como a aclamação de D. Pedro I, em 1822, o desembarque da Princesa Leopoldina, em 1817, dentre outros.

Este exame do acervo aponta para algumas conclusões. A maioria das imagens expostas na mostra retratavam espaços na região central da cidade carioca: mais especificamente, representavam edificações, traço que reforça o destaque dado à arquitetura nas políticas de preservação do patrimônio histórico no Brasil. Tratando do caráter destas construções, verifica-se que a maioria eram de cunho religioso. Entende-se, portanto, que este cenário corrobora com a tese de Rubino (1996): a autora sustenta que o Sphan elegeu uma representação do passado nacional atrelada ao catolicismo como constituinte autêntico da configuração do patrimônio histórico brasileiro. Nesse sentido, entende-se que a exposição de gravuras do Rio de Janeiro, enquanto uma iniciativa voltada para a promoção de um conhecimento sobre o patrimônio histórico nacional, (re)produzia e (re)afirmava o entendimento de que a constituição do patrimônio histórico brasileiro assumia um expressivo aspecto arquitetônico e católico.

Aliado a isso, ao exibir gravuras que retratavam episódios e figuras do Império, a mostra também consagrava elementos ligados à monarquia luso-brasileira como “característicos” da cidade. Entendendo as exposições como iniciativas que constroem narrativas históricas através de recursos visuais e materiais, entende-se que a mostra também almejava privilegiar a representação de acontecimentos ligados aos feitos políticos da monarquia e do Império brasileiro. Como consequência, a mostra em questão (re)produzia uma narrativa histórica sobre o Rio de Janeiro que reforçava e contribuía para a exaltação de membros da monarquia como autoridades políticas e de eventos a ela ligados como marcos da história nacional.

O catálogo ainda aponta que a maioria das pinturas foi produzida entre os anos 1830-1860, sendo que algumas não constam as datas de produção. Ao examinar a presença do século XIX nos tombamentos realizados pelo Sphan, Rubino (1996) sustenta que este período seria representado, sobretudo, “pelo porte monumental de alguns edifícios imperiais no Rio de Janeiro” (Rubino, 1996, p. 103)^{xxii}. A cidade do Rio de Janeiro seria compreendida, portanto, como a principal representação do período oitocentista na história do Brasil. Ainda que os imóveis representados nas pinturas tenham sido construídos durante a Colônia - sendo, portanto, anteriores à instalação do Império -, depreende-se que a exposição de gravuras datadas do século XIX colaborava para construir uma ideia de Rio de Janeiro antigo circunscrita, unicamente, ao período imperial. A exibição de gravuras que retratavam episódios que ocorreram durante o Império corrobora para esta construção. Dessa forma, a exposição, além

de (re)produzir narrativa, ainda agia em uma outra frente: ela legitimava a consagração de tais bens como dignos de comporem o patrimônio histórico nacional.

A exposição do centenário de Machado de Assis (1939)

No dia 21 de junho de 1939 foi publicado um decreto-lei, redigido pelo ministro Gustavo Capanema e assinado pelo presidente Getúlio Vargas, contemplando um conjunto de comemorações em homenagem ao centenário do escritor Machado de Assis a serem realizadas ao longo do ano de 1939, tendo em vista “tornar mais conhecida e estimada a figura e a obra de Machado de Assis”.^{xxiii} As comemorações englobavam uma série de atividades, a serem realizadas por diferentes instituições. A primeira citada pelo decreto-lei era a inauguração de uma exposição sobre a trajetória e a obra do escritor. A mostra foi estruturada pelo Sphan, pelo Instituto Nacional do Livro (INL) e pela BN, tendo sido realizada nesta última instituição na data do centenário do escritor - o mesmo dia em que foi publicado o decreto-lei.

Esta mesma matéria publicada no *Jornal do Brasil*, de conteúdo bastante denso, apontava vários detalhes sobre a exposição. Sobre a configuração da mostra, o periódico apontou que ela foi dividida em sete seções: Infância, Formação, Vida Íntima, Obra, Maturidade, Crepúsculo e Consagração. O acervo era composto por fotografias e plantas da Chácara do Livramento - área que englobava os morros do Livramento e da Conceição -, onde nasceu Machado de Assis, e de outras áreas da cidade do Rio de Janeiro, além de imagens do próprio escritor ao longo de sua vida e de seus colegas de ofício e esposa; periódicos e revistas onde Machado de Assis havia publicado diversas de suas obras; cartas redigidas pelo e para o escritor; exemplares de livros de Machado de Assis; objetos pertencentes ao escritor - como pincéis, tinteiros e canetas -; e uma máscara mortuária da face do escritor.

Em suma, depreende-se que a exposição em homenagem a Machado de Assis constituía mais que uma homenagem ao escritor brasileiro. Além de apresentar um nítido aspecto evocativo, entende-se que a exposição também buscava apresentar um forte caráter pedagógico. A disposição de painéis temáticos e cronológicos, aliada a exibição de uma gama de documentos pertencentes a Machado de Assis e de uma iconografia específica, sinaliza para a finalidade da mostra em produzir uma narrativa acerca da vida do escritor que apresentaria um caráter técnico e ao mesmo tempo, expressava uma glorificação e veneração à figura de Machado de Assis: isto é, era preciso conhecê-lo para exaltá-lo. Nesse sentido, a exposição em

homenagem ao centenário de Machado de Assis agia de modo a reforçar a consagração do autor como uma personalidade marcante da história nacional.

Exposição de moldagens de Aleijadinho (1940)

No dia 27 de fevereiro de 1940, foi inaugurada uma exposição de 12 moldagens de gesso das estátuas dos profetas feitas por Aleijadinho, a quarta no “stand” do Sphan no térreo do Edifício Castello. As originais, esculpidas entre 1800 e 1805, encontravam-se localizadas no adro do Santuário de Bom Jesus do Matozinhos, na cidade de Congonhas do Campo de Minas Gerais.

De acordo com uma notícia do *O Globo*, o objetivo da exposição era fazer com que a população do Rio de Janeiro conhecesse as esculturas, tendo um primeiro contato com a obra de Aleijadinho.^{xxiv} O *Jornal do Brasil* destacou o esforço do governo em realizar a mostra para aqueles que não dispusessem dos meios para ver as esculturas originais em Minas Gerais, já “que para o brasileiro é uma coisa útil e preciosa conhecer bem a obra de Aleijadinho”.^{xxv} Denota-se, assim como nas demais exposições, uma finalidade educativa: ao buscar tornar conhecida a arte de Aleijadinho, a exposição de moldagens contribuía para a consagração do barroco e do artista como símbolos de uma vertente artística compreendida como autenticamente nacional.

Um documento sem título e autoria encontrado no ACI descreve os trabalhos de moldagem das esculturas: eles foram iniciados no dia 07 de outubro de 1938 por um moldador e um auxiliar. Uma notícia publicada pela *Revista da Semana* permite identificar um dos artistas que atuaram na confecção das moldagens. De acordo com o periódico, o técnico do Sphan Eduardo Técles foi solicitado pelo órgão de patrimônio, em 1938, para esculpir as moldagens.^{xxvi} Retomando o primeiro documento, descreve-se, ainda, que no dia 16 de novembro do mesmo ano, outro moldador e outro auxiliar passaram a compor a equipe de execução das moldagens, cujos trabalhos se estenderam até o dia 26 de março de 1939. Considerando o fato de o trabalho realizado constituir uma moldagem de estátuas já existentes, pode-se supor que aquelas expostas na mostra em questão apresentassem o mesmo tamanho das originais.

Em suma, entende-se que a exposição engendrava um culto ao Aleijadinho e ao barroco. De acordo com Chuva (2009), o artista mineiro do século XVIII foi reconhecido como

o maior representante da arte barroca nacional. Através da mostra em questão, o artista e sua obra foram promovidos de modo que fossem compreendidos como ícones de uma nacionalidade brasileira. Assim, a exposição de moldagens auxiliava na consagração do artista e de sua arte como representantes de uma arte considerada autenticamente brasileira.

Exposição de quadros, objetos e gravuras referentes à Igreja da Nossa Senhora da Glória do Outeiro (1942)

No dia 12 de agosto de 1942, o Sphan realizou uma exposição em parceria com a Irmandade do Outeiro da Glória. Segundo o periódico *Diário da Noite*, a mostra foi uma iniciativa idealizada por Raymundo de Castro Maya e ocorreu em um dos salões situados atrás do templo religioso. O mesmo jornal também detalhou o acervo da exposição: além de pinturas da igreja feitas por artistas estrangeiros e pertencentes à Irmandade, as plantas das obras de restauração empreendidas pelo Sphan, encerradas no mesmo ano, e documentos da Irmandade - dentre os quais o primeiro compromisso da Igreja, datado de 1739 - foram expostos.^{xxvii}

Ainda de acordo com este periódico, colecionadores particulares - como Julio Moura Monteiro Edgard Costa, Tobias Monteiro, Felix Cavalcanti de Lacerda e madame Alberto -, a BN, membros da Irmandade da Nossa Senhora da Glória do Outeiro e a Prefeitura do Rio doaram diversos bens para a composição da mostra. Complementando esta notícia, o *Correio da Manhã* informou que alguns objetos expostos pertenciam à família imperial, além de apontar que uma série de quadros que retratavam o Rio de Janeiro no século XIX foram produzidos por diversos artistas - como Czerny, Nicolau Antoine Taunay, A. M. Taunay, Felix Emile Taunay, Jayme, Ribeyrolles, E. de La Michellerie, J. Arago, Martinet, A. Borget, Fesquet, I. L. Hornbrook, Bertichem, Desmons, Garneray, A. Vinet, etc.^{xxviii}

Após realizar uma série de obras de restauração no edifício religioso, o órgão de patrimônio patrocinou a realização desta mostra que, além de pinturas e bens móveis, expôs reproduções das plantas das obras empreendidas pelo Sphan, conforme apontou o *Jornal do Brasil*.^{xxix} Apesar da escassez de fontes plurais sobre esta exposição, entende-se que ela dialogava com a conjuntura de trabalhos realizados pelo Sphan nos seus primeiros anos de atuação. O fato de ela ter ocorrido em uma igreja barroca setecentista tombada^{xxx}, aliado à exibição de gravuras que retratavam a Igreja da Glória e de documentos a ela referentes, exprimem a consagração da arquitetura colonial e do catolicismo pelo órgão de preservação, conforme aponta Rubino (1996). Logo, entende-se que a exposição (re)produzia uma

representação do patrimônio histórico brasileiro que associava a colonização, o barroco e a religião católica como uma tríade constituinte do patrimônio histórico e artístico nacional. ^{xxxix}

A exposição das pinturas de Frans Post (1942)

Uma exposição das obras do artista holandês Frans Post foi realizada pelo Sphan no dia 14 de julho de 1942. De acordo com o *Jornal do Brasil*, após a autorização expedida pelo presidente Getúlio Vargas, o órgão de patrimônio foi encarregado de organizar a exposição. ^{xxxix} Por meio da cooperação entre o Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), a Biblioteca Municipal de São Paulo, o Itamaraty, o Instituto Histórico e colecionadores particulares - Caio de Lima Cavalcanti, Joaquim de Sousa Leão, Erich Eichner, Afrânio de Melo Franco Filho, Henry J. Lynch e Paulo Plínio Prado - além de figuras públicas como o Ministro das Relações Exteriores e os interventores federais de São Paulo e Pernambuco -, montou-se uma exibição no MNBA com 24 quadros de locais do Nordeste pintados pelo artista enquanto esteve no Brasil durante a ocupação holandesa em Pernambuco e após retornar ao seu país de origem.

O periódico *A Manhã* repercutiu vastamente a exposição. Anunciava que as obras adquiridas seriam destinadas ao Palácio Guanabara, mas o presidente Getúlio Vargas requisitou que estas fossem apresentadas ao público antes tendo em vista a “apreciação mais completa do valor artístico, histórico e etnográfico da obra do mestre holandês”. ^{xxxix} A aquisição de tais quadros por parte do Estado tendo em vista a visualização pública sinaliza para o interesse do regime estadonovista em organizar empreendimentos de cunho educativo e cultural, principalmente exposições. Uma outra notícia também publicada pelo *A Manhã* corrobora com este quadro, ao destrinchar a finalidade da mostra em questão: segundo o periódico, a exposição constituía “um documentário fiel do meio social do Nordeste brasileiro na primeira metade do século XVII” ^{xxxix}, sendo “indispensável para o conhecimento da história do Brasil no século XVII” ^{xxxix}.

A partir desse cenário, compreende-se que as pinturas de Frans Post foram tidas como evidências iconográficas de um passado colonial nordestino. Seria justamente em função deste caráter documental atribuído à tais obras que se justificaria a organização da exposição: considerando sua finalidade pedagógica, a mostra de quadros, que retratavam - de maneira supostamente factual - o Nordeste no século XVII buscava construir uma representação tida como fidedigna acerca do passado da colonização naquela região do país. Tomados como

documentos, os quadros agiriam de modo a comprovar a narrativa visual construída e exposta na mostra. Esta, por sua vez, apresentava um forte caráter paisagístico e pitoresco. Nesse sentido, entende-se que a colonização portuguesa retratada nas obras do holandês foi representada de maneira romantizada: suas marcas, como o cultivo do açúcar e a escravidão, apareciam de forma apaziguada, produzindo uma visão do Brasil holandês idealizada. Ainda assim, seria essa representação almejada, pois esta seria identificada como um elemento importante para a construção da identidade nacional brasileira.

Considerações finais

Analizando o conjunto de exposições realizadas pelo Sphan entre 1937 e 1945, é possível afirmar que o órgão de patrimônio buscava, através destes empreendimentos, divulgar um conhecimento sobre o patrimônio histórico e artístico brasileiro. Segundo Ulpiano Meneses, as exposições de cunho histórico promovem uma comunicação visual e espacial sobre o passado de uma comunidade nacional imaginada por meio da organização estratégica de bens móveis (1994).^{xxxvi} Dialogando com esse quadro, Benedict Anderson sustenta que tais bens são reconhecidos como vestígios de uma nação e, assim, conferem-lhe uma profundidade histórica e constituem-se como símbolos autênticos do passado nacional (1991). São, portanto, fundamentais para fornecer uma concretude à uma ideia abstrata de comunidade imaginada nacional.

Defende-se que as exposições realizadas pela instituição (re)produziam uma autoimagem e uma narrativa histórica da nação em um formato material e visual - isto é, através de objetos e recursos iconográficos. Tais representações expressavam diferentes frentes temáticas caras ao Sphan: tratavam tanto de um eixo temporal específico e longínquo, ao enfatizarem expressões do período colonial - como as exposições de arte sobre o Aleijadinho e Frans Post e das pinturas do Outeiro da Glória - quanto de um âmbito personalista, ao promoverem o culto a personalidades marcantes da história nacional, - como José Bonifácio, Machado de Assis e Aleijadinho.

O investimento nas exposições por parte do Sphan é compreendido, aqui, como um esforço do órgão em fazer crer a todos os brasileiros que a nação existia num aspecto concreto, e que sua nacionalidade se expressava por meio dos bens móveis e de recursos visuais expostos nestes empreendimentos. Tal esforço, portanto, expressa um forte caráter pedagógico, traço este

que dialoga com Meneses. O autor sustenta que tanto as exposições quanto os museus históricos assumem um potencial cognitivo-afetivo: isso porque são iniciativas profícuas na promoção de uma comunicação visual e espacial sobre o passado de uma comunidade nacional imaginada (1994). Além disso, são instituições públicas, conforme define Krzysztof Pomian: isto é, permitem o livre acesso à um conjunto de semióforos que agem como suportes de determinados significados, comumente ligados ao passado da nação - como objetos, fotografias, quadros, etc (1984). Logo, constituíam-se, como espaços privilegiados para a (re)produção, a evocação e a consagração de uma narrativa histórica nacional e para a formação de uma identidade nacional.

A partir desse cenário, defende-se que as exposições realizadas pelo Sphan durante o Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945) apresentavam um forte papel educativo, dialogando, assim, com a lei nº 378 de 1937. Eram empreendimentos que elaboraram e difundiam narrativas históricas sob diferentes formatos e marcadas pela valorização de temas relacionados à Colônia, ao catolicismo, ao barroco, e às grandes personalidades do passado da nação - que seriam identificados como símbolos da nacionalidade brasileira. Desse modo, entende-se que tais iniciativas assumiam uma atribuição notória no projeto estadonovista de construção de uma identidade nacional brasileira.

Fontes consultadas:

A ARTE COLONIAL DE MINAS ESTÁ NO RIO. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, 24 mai. 1941. Série Arquivo Técnico Administrativo. Exposição. Período: 1953 e 1954. Exposições Permanente. Localização CX 003. PT 14. E 2. Arquivo Central do IPHAN.

A COMEMORAÇÃO OFFICIAL DO CENTENARIO DE MACHADO DE ASSIS. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 23 jun. 1939, p. 6. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=110523_03&pasta=ano%20193&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22exposi%C3%A7%C3%A3o%22&pagfis=51618. Acesso em: 25 set. 2025.

A EXPOSIÇÃO “FRANS POST”, ORGANIZADA PELO SERVIÇO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 14 jul. 1942, p. 6. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116408&pasta=ano%20193&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=16379>. Acesso em: 25 set. 2025.

A EXPOSIÇÃO DO ESTADO NOVO. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 2 dez. 1938, p. 2. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_06&

[pesq=%22Exposi%C3%A7%C3%A3o%20do%20Estado%20Novo%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=19343](#). Acesso em: 25 set. 2025.

A EXPOSIÇÃO PERMANENTE DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 ago. 1938, p. 12. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_05&pasta=ano%20193&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=86464. Acesso em: 23 set. 2025.

A INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO NACIONAL DO ESTADO NOVO. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 4 dez. 1938, p. 17. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_06&pesq=%22Exposi%C3%A7%C3%A3o%20do%20Estado%20Novo%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=19390. Acesso em: 25 set. 2025.

A OBRA DE ALEIJADINHO. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 fev. 1940. Série Arquivo Técnico Administrativo. Exposição. Período: 1953 e 1954. Exposições Permanente. Localização CX 003. PT 14. E 2. Arquivo Central do IPHAN.

ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de. [**Correspondência**]. Destinatário: Gustavo Capanema. 5 fev. 1938. Série Arquivo Técnico Administrativo. Exposição, Período: 1938 a 1954, Exposições José Bonifácio. Localização CX 002. PT 09. Arquivo Central do IPHAN.

ARTES PLÁSTICAS. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 18 jul. 1942, p. 5. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116408&pasta=ano%20193&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=16426>. Acesso em: 14 fev. 2025.

AS ARTES PLÁSTICAS NO BRASIL. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 9 ago. 1942, p. 18. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116408&pasta=ano%20193&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=16679>. Acesso em: 07 nov. 2025.

BRASIL, 1937. Catálogo da exposição de estampas da cidade do Rio de Janeiro. Série Arquivo Técnico Administrativo. Exposição. Período: 1953 e 1954. Exposições Permanentes. Localização CX 003. PT 14. E 1. Arquivo Central do IPHAN.

DEVOLVENDO À IGREJA DA GLÓRIA SEU ASPECTO PRIMITIVO. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 4 ago. 1924. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_05&pasta=ano%20194&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=13085. Acesso em: 25 set. 2025.

EXPOSIÇÃO “JOSÉ BONIFÁCIO”. Série Arquivo Técnico Administrativo. Exposição, Período: 1938 a 1954, Exposições José Bonifácio. Localização CX 002. PT 09. Arquivo Central do IPHAN.

EXPOSIÇÃO EVOCATIVA DA VIDA DO PATRIARCA DA INDEPENDÊNCIA. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 7 abr. 1938. Série Arquivo Técnico Administrativo. Exposição, Período: 1938 a 1954, Exposições José Bonifácio. Localização CX 002. PT 09. Arquivo Central do IPHAN

EXPOSIÇÃO JOSÉ BONIFÁCIO. **A Tarde**, Rio de Janeiro, 28 abr. 1938. Série Arquivo Técnico Administrativo. Exposição, Período: 1938 a 1954, Exposições José Bonifácio. Localização CX 002. PT 09. Arquivo Central do IPHAN. Não foi possível encontrá-lo no Arquivo Central do IPHAN.

EXPOSIÇÃO NO RIO DAS OBRAS DE ALEIJADINHO. **O Globo**, Rio de Janeiro, 24 fev. 1940. Série Arquivo Técnico Administrativo. Exposição. Período: 1953 e 1954. Exposições Permanente. Localização CX 003. PT 14. E 2. Arquivo Central do IPHAN.

FRANS POST. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 19 jul. 1942, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116408&pasta=ano%20193&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=16435>. Acesso em: 07 nov. 2025.

IMPERIAL IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA GLORIA DO OUTEIRO. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 13 jan. 1942, p. 9. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_06&pasta=ano%20194&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=14985. Acesso em: 25 set. 2025.

IMPONENTES COMMEMORAÇÕES. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 6 abr. 1938, p. 10. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_06&pasta=ano%20193&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=16313. Acesso em: 23 set. 2025.

INAUGURADA A EXPOSIÇÃO PERMANENTE DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO. **A Noite**, Rio de Janeiro, 17 ago. 1938, p. 22. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=348970_03&pasta=ano%20193&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=56559. Acesso em: 09 set. 2025.

INAUGUROU-SE A EXPOSIÇÃO JOSÉ BONIFÁCIO, NO MUSEU NACIONAL. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 7 abr. 1938. Série Arquivo Técnico Administrativo. Exposição, Período: 1938 a 1954, Exposições José Bonifácio. Localização CX 002. PT 09. Arquivo Central do IPHAN

MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES. **Catálogo da Exposição Frans Post**. Brasil: Ministério da Educação e Saúde, 1942.

NOTAS DE BELAS ARTES. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 14 jul. 1942, p. 6. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_06&pasta=ano%20194&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=56559

[e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=17992](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_06&pasta=ano%20193&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=17992). Acesso em: 25 set. 2025.

O “SALÃO DE 1938”. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 24 set. 1938, p. 4. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_06&pasta=ano%20193&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=18353. Acesso em: 25 set. 2025.

O CENTENÁRIO DA MORTE DE JOSÉ BONIFÁCIO. **O Paíz**, Rio de Janeiro, 26 mar. 1938. Série Arquivo Técnico Administrativo. Exposição, Período: 1938 a 1954, Exposições José Bonifácio. Localização CX 002. PT 09. Arquivo Central do IPHAN.

O PATRIMÔNIO HISTÓRICO E A SEGUNDA EXPOSIÇÃO DE ARTE. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 nov. 1938, p. 15. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_05&pasta=ano%20193&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22exposi%C3%A7%C3%A3o%22&pagfis=88579. Acesso em: 23 set. 2025.

O SALÃO DE 1940. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 12 set. 1940, p. 5. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_06&pasta=ano%20194&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22exposi%C3%A7%C3%A3o%22&pagfis=5153. Acesso em: 25 set. 2025.

O SALÃO NACIONAL DE 1939. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 21 jul. 1939, p. 14. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_04&pasta=ano%20193&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=53349. Acesso em: 25 set. 2025.

PEDAGOGIA NACIONALISTA. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 23 nov. 1938, p. 9. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&Pesq=%22Exposi%C3%A7%C3%A3o%20do%20Estado%20Novo%22&pagfis=49308. Acesso em: 25 set. 2025.

PRIMEIRO CENTENÁRIO DA MORTE DE JOSÉ BONIFÁCIO. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 25 mar. 1938, p. 23. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_04&pasta=ano%20193&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=45432. Acesso em: 23 set. 2025.

PRIMEIRO CENTENÁRIO DA MORTE DO PATRIARCA DA INDEPENDÊNCIA. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 5 abr. 1938, p. 10. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_06&pasta=ano%20193&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=16303. Acesso em: 23 set. 2025.

REAVIVANDO NO CULTO E NA MEMÓRIA DO POVO A FIGURA AUSTERA DO PATRIARCA. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 6 abr. 1938, p. 7. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_05&pasta=ano%20193&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=83629. Acesso em: 23 set. 2025.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES CORRESPONDENTES AO ANO DE 1944. Série Arquivo Técnico Administrativo. Relatórios de atividades do IPHAN (1937-1945). Localização CX 002. PT 05. Arquivo Central do IPHAN.

RESTITUÍDA A SUA FEIÇÃO PRIMITIVA A IGREJA DO OUTEIRO DA GLÓRIA. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 12 ago. 1942, p. 8. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961_02&pasta=ano%20194&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22exposi%C3%A7%C3%A3o%22&pagfis=13727. Acesso em: 25 set. 2025.

RESUMO GERAL DAS ATIVIDADES DO SPHAN, DE 1936 A 1940. Série Arquivo Técnico Administrativo. Relatório (1936-1940). Localização CX 004. PT 03. Arquivo Central do IPHAN.

Sem título. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 12 abr. 1938. Série Arquivo Técnico Administrativo. Exposição, Período: 1938 a 1954, Exposições José Bonifácio. Localização CX 002. PT 09. Arquivo Central do IPHAN.

Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARBALHO, Alexandre. Políticas culturais no Brasil: identidade e diversidade sem diferença. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre. **Políticas Culturais no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 37–60.

BAUER, Letícia. **O arquiteto e o zelador: Patrimônio Cultural, História e Memória**. São Miguel das Missões (1937-1950). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CALABRE, Lia. O Serviço do Patrimônio Artístico Nacional dentro do contexto da construção das políticas de cultura no Brasil. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n. 35, p. 33-54, 2017. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/revpat_35.pdf. Acesso em: 10 set. 2025.

CANCLINI, Néstor García. Políticas culturais e crise de desenvolvimento: um balanço latino-americano. In: CANCLINI, Néstor García. **Política cultural: conceito, trajetória e reflexões**. Salvador: Editora da UFBA, p. 45-86, 2019.

CHUVA, Márcia. **Os Arquitetos da Memória**. Sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940). Rio de Janeiro: edUFRJ, 2009.

COSTA, Janice Pereira da. **Ensinando a ser cidadão: Memória Nacional, História e Poder no Museu da Inconfidência (1938-1990)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

DINNOUTI, Tatiana Harue. **Museu do Ouro: a formação de um patrimônio como mediador da identidade nacional**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Editores e intelectuais e a Coleção Brasileira. Fronteiras da cultura no Brasil dos anos 1930. In.: ALMEIDA, Sandra Regina Goulart; *et. al.* (Org.). **Mobilidades Culturais: agentes e processos**. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2009.

FONSECA, Brenda Coelho. **Operários do patrimônio: práticas e lutas nos canteiros da memória - Diamantina, MG (anos 1940-1960)**. 2020. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2020.

JULIÃO, Leticia. **Enredos museais e intrigas da nacionalidade: museus e identidade nacional no Brasil**. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2008.

LANARI, Raul Amaro de Oliveira. **O patrimônio por escrito: a política editorial do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional durante o Estado Novo (1937-1946)**. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, p. 207, 2010.

MENESES, Ulpiano. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista: história e cultura material**, v. 2, p. 9-42, 1994. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/cjxGJjRfBkKxLBfGyFFMwVC/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 08 set. 2025.

MOSLEY, Natasha. **Patrimônio histórico e imprensa: o SPHAN por meio dos principais jornais de circulação nacional (1937-1945)**. Monografia (Graduação em Licenciatura em História) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, 2023.

NETO, Jamile da Silva. **Historiografia, Patrimônio e Museu: silenciando o passado na construção da memória da Cidade Imperial de Petrópolis**. Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), 2023.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. **Enciclopédia Einaudi**, v. 1. Memória-História. Porto. Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984.

RUBINO, Silvana. O mapa do Brasil passado. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 24, p. 97-105, 1996. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat24.pdf>. Acesso em: 08 set. 2025.

SCHWARTZMAN, Simon; COSTA, Wanda; BOMENY, Helena Bousquet. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

Notas

ⁱ Ver mais em: Barbalho (2007), Calabre (2017) e Canclini (2019).

ⁱⁱ As outras instituições que apresentavam esta finalidade eram: a Casa de Rui Barbosa, voltada para o culto da memória da personalidade que dá nome à instituição através da preservação da sua biblioteca e de seu acervo, e da publicação presentes em seu arquivo; o Museu Histórico Nacional (MHN), encarregado de guardar, conservar e expor os bens referentes ao passado nacional pertencentes ao patrimônio federal. O trecho em questão ainda detalhava as instituições escolares e seus encargos. Ver mais em: BRASIL, 1937.

ⁱⁱⁱ As exposições e museus organizados por ele foram divulgados de maneira mais enfática quando comparados às práticas de tombamento e às obras e projetos de restauração - principais atribuições da instituição no período supracitado, segundo Chuva (2009). Ver mais em: MOSLEY, Natasha. Patrimônio histórico e imprensa: o SPHAN por meio dos principais jornais de circulação nacional (1937-1945). Monografia (Graduação em Licenciatura em História) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, 2023.

^{iv} Ver mais em: Bauer (2006), Costa (2010), Dinnouti (2009), Julião (2008), Silva Neto (2023) e Lanari (2010, respectivamente. A temática dos filmes produzidos pelo Sphan ainda requer estudos mais aprofundados.

^v O documento em questão abrange as atividades empreendidas pelo Sphan entre 1936 - ano em que o órgão foi criado com um caráter provisório - e 1940. A primeira exposição realizada pela entidade, segundo o relatório, foi no ano de 1938.

^{vi} Vale salientar que, desse total de 10 mostras expográficas, duas não possuem qualquer documentação a seu respeito no ACI, assim como não apresentaram ocorrências na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Foi o caso da Exposição comemorativa do 4º centenário da Companhia de Jesus e da Exposição do Estado Novo. Por terem sido mencionadas no relatório de atividades empreendidas pelo Sphan entre 1936 e 1940, pode-se crer que ambas exposições de fato ocorreram, ainda que não se saiba da sua estruturação.

^{vii} PRIMEIRO CENTENÁRIO DA MORTE DO PATRIARCA DA INDEPENDÊNCIA. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 5 abr. 1938, p. 10. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_06&pasta=ano%201938&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=16303. Acesso em: 25 set. 2025.

^{viii} ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de. [Correspondência]. Destinatário: Gustavo Capanema. 5 fev. 1938. Série Arquivo Técnico Administrativo. Exposição, Período: 1938 a 1954, Exposições José Bonifácio. Localização CX 002. PT 09. Arquivo Central do IPHAN.

^{ix} PRIMEIRO CENTENÁRIO DA MORTE DE JOSÉ BONIFÁCIO. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 25 mar. 1938, p. 23. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_04&pasta=ano%201938&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=45432. Acesso em: 23 set. 2025.

^x EXPOSIÇÃO “JOSÉ BONIFÁCIO”. Série Arquivo Técnico Administrativo. Exposição, Período: 1938 a 1954, Exposições José Bonifácio. Localização CX 002. PT 09. Arquivo Central do IPHAN.

^{xi} Uma matéria sobre a exposição publicada pelo *Diário de Notícias* descreve todo o acervo apresentado na mostra. Ver mais em: EXPOSIÇÃO EVOCATIVA DA VIDA DO PATRIARCA DA INDEPENDÊNCIA. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 7 abr. 1938. Série Arquivo Técnico Administrativo. Exposição, Período: 1938 a 1954, Exposições José Bonifácio. Localização CX 002. PT 09. Arquivo Central do IPHAN.

^{xii} Sem título. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 12 abr. 1938. Série Arquivo Técnico Administrativo. Exposição, Período: 1938 a 1954, Exposições José Bonifácio. Localização CX 002. PT 09. Arquivo Central do IPHAN.

^{xiii} O CENTENÁRIO DA MORTE DE JOSÉ BONIFÁCIO. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 26 mar. 1938. Série Arquivo Técnico Administrativo. Exposição, Período: 1938 a 1954, Exposições José Bonifácio. Localização CX 002. PT 09. Arquivo Central do IPHAN.

^{xiv} EXPOSIÇÃO “JOSÉ BONIFÁCIO”. Série Arquivo Técnico Administrativo. Exposição, Período: 1938 a 1954, Exposições José Bonifácio. Localização CX 002. PT 09. Arquivo Central do IPHAN; grifo nosso.

^{xv} Vale destrinchar o nome dado a estas exposições. Enquanto que a maioria das publicações jornalísticas as intitulavam de exposições permanentes, o relatório de atividades realizadas pelo Sphan entre 1936 e 1940 não denomina ambas exposições. Conforme apontou o *Jornal do Brasil*, ainda que fossem consideradas exposições de

duração contínua, seus acervos seriam renovados bimestralmente com base em um projeto elaborado pelo então diretor do SPHAN em prol do desenvolvimento e da defesa do patrimônio histórico nacional - que vinha sendo realizado através de vários serviços do MES. Logo, apesar do caráter definitivo ressaltado nos nomes das mostras, constatou-se que ambas foram temporárias. Sendo assim, optou-se por denominá-las de “permanentes”.

^{xvi} A EXPOSIÇÃO PERMANENTE DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 ago. 1938, p. 12. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_05&pasta=ano%20193&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%20C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=86464. Acesso em: 23 set. 2025.

^{xvii} RESUMO GERAL DAS ATIVIDADES DO SPHAN, DE 1936 A 1940. Série Arquivo Técnico Administrativo. Relatório (1936-1940). Localização CX 004. PT 03. Arquivo Central do IPHAN.

^{xviii} INAUGURADA A EXPOSIÇÃO PERMANENTE DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO. **A Noite**, Rio de Janeiro, 17 ago. 1938, p. 22. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=348970_03&pasta=ano%20193&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%20C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=56559. Acesso em: 09/09/2025.

^{xix} O PATRIMÔNIO HISTÓRICO E A SEGUNDA EXPOSIÇÃO DE ARTE. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 nov. 1938, p. 15. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_05&pasta=ano%20193&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%20C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22exposi%C3%A7%C3%A3o%22&pagfis=88579.

Acesso em: 23 set. 2025, grifo nosso.

^{xx} A Livraria Kosmos foi fundada pelo austríaco Erich Eichner em 1935. Localizada na Rua do Rosário número 137, no Centro do Rio de Janeiro, o estabelecimento também funcionava como uma editora de livros.

^{xxi} Página 3 do catálogo da exposição de estampas da cidade do Rio de Janeiro. Série Arquivo Técnico Administrativo. Exposição. Período: 1953 e 1954. Exposições Permanentes. Localização CX 003. PT 14. E 1. Arquivo Central do IPHAN; grifo nosso.

^{xxii} Apesar de o exame da autora ultrapassar a delimitação temporal desta pesquisa - englobando o período de 1937 a 1967, correspondente à gestão de Rodrigo Mello Franco de Andrade -, é possível tecer paralelos entre esta periodização e a do Estado Novo (1937-1945).

^{xxiii} A COMEMORAÇÃO OFFICIAL DO CENTENARIO DE MACHADO DE ASSIS. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 23 jun. 1939, p. 6. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=110523_03&pasta=ano%20193&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%20C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22exposi%C3%A7%C3%A3o%22&pagfis=51618. Acesso em: 25 set. 2025.

^{xxiv} EXPOSIÇÃO NO RIO DAS OBRAS DE ALEIJADINHO. **O Globo**, Rio de Janeiro, 24 fev. 1940. Série Arquivo Técnico Administrativo. Exposição. Período: 1953 e 1954. Exposições Permanente. Localização CX 003. PT 14. E 2. Arquivo Central do IPHAN.

^{xxv} A OBRA DE ALEIJADINHO. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 fev. 1940. Série Arquivo Técnico Administrativo. Exposição. Período: 1953 e 1954. Exposições Permanente. Localização CX 003. PT 14. E 2. Arquivo Central do IPHAN.

^{xxvi} A ARTE COLONIAL DE MINAS ESTÁ NO RIO. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, 24 mai. 1941. Série Arquivo Técnico Administrativo. Exposição. Período: 1953 e 1954. Exposições Permanente. Localização CX 003. PT 14. E 2. Arquivo Central do IPHAN.

^{xxvii} RESTITUÍDA A SUA FEIÇÃO PRIMITIVA A IGREJA DO OUTEIRO DA GLÓRIA. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 12 ago. 1942, p. 8. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961_02&pasta=ano%20194&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%20C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22exposi%C3%A7%C3%A3o%22&pagfis=13727.

Acesso em: 25 set. 2025.

^{xxviii} DEVOLVENDO À IGREJA DA GLÓRIA SEU ASPECTO PRIMITIVO. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 4 ago. 1924. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_05&pasta=ano%20194&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%20C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=13085. Acesso em: 25 set. 2025.

^{xxix} IMPERIAL IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA DO OUTEIRO. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 13 jan. 1942, p. 9. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_06&pasta=ano%20194&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%20C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=14985. Acesso em: 25 set. 2025.

^{xxx} Processo de tombamento nº 0068-T-38.

xxxii IMPERIAL IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA GLORIA DO OUTEIRO. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 13 jan. 1942, p. 9. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_06&pasta=ano%20194&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=14985. Acesso em: 25 set. 2025.

xxxiii NOTAS DE BELAS ARTES. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 14 jul. 1942, p. 6. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_06&pasta=ano%20194&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=17992. Acesso em: 25 set. 2025.

xxxiii A EXPOSIÇÃO “FRANS POST”, ORGANIZADA PELO SERVIÇO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 14 jul. 1942, p. 6. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116408&pasta=ano%20193&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=16379>. Acesso em: 25 set. 2025.

xxxiv AS ARTES PLÁSTICAS NO BRASIL. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 9 ago. 1942, p. 18. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116408&pasta=ano%20193&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=16679>. Acesso em: 07 nov. 2025.

xxxv FRANS POST. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 19 jul. 1942, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116408&pasta=ano%20193&pesq=%22Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional%22;%20%22museu%22&pagfis=16435>. Acesso em: 07 nov. 2025.

xxxvi Aqui, pode-se incluir, também, a mostra de recursos visuais - como imagens, pinturas, fotografias, etc.